

ADÉLIA RUEFF



A missão de Tia Adélia

Adélia Rueff nasceu em Pinhal, SP, no dia 5 de junho de 1868.

Espírito missionário, viveu a exortação de Jesus - "Amai-vos uns aos outros" - em santificante trabalho de esclarecimento de seus semelhantes.

Todos a chamavam carinhosamente de Tia Adélia, pois, solteira, havia abrigado durante muitos anos grande número de sobrinhos que moravam em outras cidades e vinham estudar em Pinhal.

Em 11 de janeiro de 1911, atendendo ao Espírito do dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão, fundou o *Centro Espírita Estrela da Caridade*, que presidiu ininterruptamente até 1950. O dr. Brandão, enquanto encarnado, havia prometido fundar um centro espírita por ocasião de sua colação de grau em medicina, no final do século 19, mas não o fez até desencarnar. No plano espiritual, sentindo necessidade de cumprir a promessa, comunicou-se com Tia Adélia para que o fizesse por ele.

Assim, desde sua fundação até 1950, o Centro foi presidido ininterruptamente por Tia Adélia. Com voz firme e inflexível, embora mansa e doce - como recorda João Batista Laurito, que viveu na casa da médium durante cinco anos, enquanto estudava na Escola Agrícola - toda terça-feira e todo sábado, às 19h30, ela iniciava a sessão, declamando: "Deus nosso Pai, que sois todo poder e bondade...".

Decidida e incansável

Tia Adélia cumpria a predestinação de sua encarnação atendendo aflitos, curando obsidiados, animando os que fracassavam, vestindo viúvas, alimentando crianças e amparando os idosos da periferia de Pinhal e dos sítios vizinhos. Viajava quase sempre a pé, às vezes em charretes e excepcionalmente em automóveis.

Doce, mansa e bondosa, jamais se encolerizava nem elevava o tom de voz. À medida que envelhecia, tornava-se curvada, parecendo menor, limitação que não a impacientava. De olhos vivos, mente clara e pensamento lúcido, era a conselheira oficial de quase toda a população pinhalense, tornando-se alvo da admiração, do respeito e do afeto de seus contemporâneos.

Médium determinada na crença do trabalho doutrinário, aproveitava todo tempo disponível no atendimento dos necessitados, deixando sempre para segundo plano o repouso físico. Nas festividades comemorativas do Centro, Tia Adélia preparava com inteligência e carinho seus discursos e impressionava a todos com seus inegáveis conhecimentos da doutrina. Como oradora, ela empolgava a platéia com suas palestras, transfigurando-se, ereta e inflamada, a ponto de ficar irreconhecível para os menos avisados de seus dotes mediúnicos.

Na vivência da caridade

A casa de Tia Adélia era mais freqüentada que o centro espírita: um entra-e-sai de gente que vinha tomar passes, receber conselhos ou pedir orientações. Aos domingos, formavam-se filas de pessoas que, agradecidas, vinham trazer-lhe presentes: uma cesta de laranjas, um maço de verduras, uma braçada de flores, pacotes de cereais, frangos, ovos, lenha rachada, entre outros. Tudo era guardado. Na segunda-feira, invertia-se o fluxo de presentes. Os necessitados que vinham visitá-la, em busca do passe reparador e da palavra conselheira e amiga, recebiam um agrado na forma de ovos, frutas, legumes, flores. Assim, tudo o que chegava no domingo saía na segunda-feira, na plena vivência do "Dai de graça o que de graça receberdes".

Adélia Rueff desencarnou na mesma cidade em que nasceu, no dia 2 de fevereiro de 1953, com 84 anos.

GODOY, Paulo Alves. Grandes vultos do Espiritismo. 2. ed., São Paulo, Edições FEESP, 1990.